

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-CAMPUS VII
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA, CCCO.**

RITA DE CASSIA JACO MOTA

**A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE VOLTADA PARA O
ENTENDIMENTO DO ESPECTRO AUTISTA: um olhar para dimensão do educador
no CMEI José Gilberto Alves de Carvalho**

CODÓ-MA

2023

RITA DE CASSIA JACO MOTA

**A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE VOLTADA PARA
ENTENDIMENTO DO ESPECTRO AUTISTA: um olhar para dimensão do educador
no CMEI José Gilberto Alves de Carvalho**

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em
Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão-
Campus de Codó, como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Aziel Alves Arruda

Codó-MA

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Jacó Mota, Rita de Cassia.

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE VOLTADA PARA
ENTENDIMENTO DO ESPECTRO AUTISTA: : Um olhar para dimensão
do educador no CMEI José Gilberto Alves de Carvalho / Rita
de Cassia Jacó Mota. - 2023.

48 p.

Orientador(a): Aziel Alves Arruda.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codo, 2023.

1. Autismo. 2. Desafios docente. 3. Educação
especial e Inclusiva. I. Arruda, Aziel Alves. II. Título.

RITA DE CASSIA JACO MOTA

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE VOLTADA PARA ENTENDIMENTO DO ESPECTRO AUTISTA: um olhar para dimensão do educador no CMEI José Gilberto Alves de Carvalho

Monografia apresentada ao curso de pedagogia da UFMA/ CAMPUS VII – Codó, para obtenção do diploma de licenciatura em pedagogia.

Aprovada em _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aziel Alves Arruda
Orientador

1º Examinador

: Profº. Dr. Dilmar Kistemacher

2º Examinador

Profº. Dr. Joelson de Sousa morais

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que sempre me conduziu a fazer escolhas certas, nos momentos mais difíceis de incertezas, dúvidas e medos que foram trilhados até chegar aqui.

Ao meu orientador: Prof. Dr. Aziel Alves Arruda, que me ajudou, acreditou em mim, me incentivou na elaboração deste trabalho com suas riquíssimas experiências e boa vontade.

À minha mãe, Clerisvanda Andrade, com certeza a maior guerreira de minha vida, sempre acreditou em mim, a pessoa que me incentivou, se dedicou a cuidar da minha filha incansavelmente, enquanto eu trabalhava e estudava, acreditou em mim apesar das circunstâncias se mostrarem contrário.

A minha filha, Isis Emanuelle Jacó Mota, um dos maiores incentivos de persistência, luta, garra e determinação, um ser tão “pequeno” e ao mesmo tempo tão “grande” no qual me dava forças para continuar e ter em mente um foco, que valeria apenas não somente para mim, mais também para ela, um grande exemplo, de mãe e de mulher guerreira que não mediu esforços para chegar até aqui.

Ao meu pai, Manoel Braga Jacó e aos meus irmãos, Jaílson Andrade Jacó e Jardel Andrade Jacó que sempre me incentivaram a continuar e lutar pelos meus sonhos.

Aos meus sogros, Brígida Mota e Jonas Rodrigues que sempre me ajudaram, me incentivaram a continuar, sempre se disponibilizaram a cuidar da minha filha quando tinha que ir para a universidade durante meu tempo de morada com eles.

A todos os docentes do curso de pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão - campus - Codó, que compartilharam seus conhecimentos, pelas provocações reflexivas sobre o que estávamos fazendo no curso de pedagogia e qual profissional gostaríamos de nos tornarmos.

A todos os discentes do curso que contribuíram e compartilharam das mesmas experiências e vibraram juntos a cada etapa concluída.

A todos os meus amigos que torceram por mim, me incentivaram a lutar pelo meu sonho.

A Escola CMEI José Gilberto Alves de Carvalho por me proporcionar momentos enriquecedores durante meu tempo de trabalho e pela oportunidade para elaboração deste trabalho.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a elaboração deste trabalho de monografia.

Todo autista tem potencialidades, para transcender dentro de suas especificidades, por isso, ensine um autista de várias maneiras, pois assim, ele conseguirá aprender.

(Simone Helen Drumond Ischkanian)

RESUMO

O transtorno do Espectro Autista – TEA tem sido um grande desafio para todos, principalmente para os professores, o número de pesquisas sobre o transtorno vem crescendo nas últimas décadas, existe hoje inúmeras pesquisas em relação ao autismo. O presente trabalho tem como objetivo a percepção dos desafios docente encontrados na formação continuada de professores para trabalhar com crianças Autista na Escola CMEI José Gilberto Alves de Carvalho. A formação continuada dos profissionais da educação se faz necessário para trabalhar com este público. Trata-se de um modelo de pesquisa bibliográfica, exploratório de abordagem qualitativa. Diante disto a pesquisa tem como premissa a importância da formação continuada voltada para os docentes da educação especial, garantindo os direitos proposto pela Constituição Federal de 1998 ao mencionar que a educação é um direito de todos, contribuindo para o processo de inclusão educacional de pessoas com deficiências. A formação continuada é necessária para que os docentes passem a compreender sua formação e atuação enquanto educadora inclusiva de alunos com autismo. Diante do percurso da pesquisa observa-se que ainda há um grande impasse para que a educação inclusiva e especial faça parte do cotidiano escolar. O trabalho visa averiguar as dificuldades que as professoras têm para realizar seu trabalho com crianças diagnosticadas com esse transtorno. A busca dos docentes estarem sempre se atualizando sobre os métodos de ensino para trabalhar com crianças autistas torna-se necessário para que a inclusão escolar seja efetivada. A fragilidade do cenário que se encontra a educação e os desafios, tal busca se faz relevante para promover os direitos de todos os alunos com TEA e que esses direitos sejam assegurados.

Palavras-chave: Autismo. Desafios docente. Educação especial e Inclusiva.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder - ASD has been a great challenge for everyone, especially for teachers, the number of research on the pathology has been growing in recent decades, there is now numerous research on autism. The present work aims to understand the teaching challenges encountered in the continuing education of teachers to work with Autistic children at the CMEI Gilberto Alves de Carvalho School. The continuing education of education professionals is necessary to work with this public. It is a bibliographic research model, exploratory with a qualitative approach. In view of this, the research is premised on the importance of continuing education aimed at special education teachers, guaranteeing the rights proposed by the Federal Constitution of 1998 when mentioning that education is a right for all, contributing to the process of educational inclusion of people with disabilities. deficiencies. Continuing education is necessary for teachers to understand their training and performance as an inclusive educator of students with autism. In view of the course of the research, it is observed that there is still a great impasse for inclusive and special education to be part of everyday school life. The work aims to investigate the difficulties that teachers have to carry out their work with children diagnosed with this disorder. The search for teachers to be always up to date on teaching methods to work with autistic children is necessary for school inclusion to be effective. The fragility of the education scenario and the challenges, such a search is relevant to promote the rights of all students with ASD and that these rights are ensured.

Keywords: Autism. Teaching challenges. Special and Inclusive Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. FORMAÇÃO DOCENTE	13
3. DESAFIOS ENCONTADOS PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL/INCLUSIVA	19
3.1 EDUCAÇÃO ESPECIAL E AS SALAS DE APOIO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)	20
4. ENTENDENDO O AUTISMO	24
4.1 COMO IDENTIFICAR SINAIS DO AUTISMO	26
4.2 CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO	26
4.3 MODELOS DE ATENDIMENTOS	29
4.4 TÉCNICAS PARA TRABALHAR COM CRIANÇAS AUTISTAS	31
5. CONHECENDO O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CMEI JOSÉ GILBERTO ALVES DE CARVALHO	32
6. PERCURSO METODOLÓGICO	35
7. RESULTADOS E DISCUSSÕES	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

Trabalhar com crianças autistas, sem dúvida, representa um grande desafio para todos, principalmente para os profissionais da educação. As dificuldades e falta de conhecimentos sobre o Transtorno do Espectro Autista – TEA nos leva a andar por caminhos ainda desconhecidos sobre como devemos educar essas crianças com TEA e o que devemos esperar das práticas a serem utilizadas com elas para que elas sejam incluídas nas atividades pedagógicas escolares.

Este trabalho tem como foco uma análise geral no contexto da formação docente voltada para o aluno com Transtorno do Espectro Autista -TEA, pessoas atípicas. Para trabalhar com essas pessoas os profissionais envolvidos devem ter uma boa qualificação para conseguir um bom desempenho pedagógico, se as pessoas com Transtorno do Espectro Autista -TEA estiverem em contato com pessoas incapacitadas que não conhece a realidade da mesma, conseqüentemente eles não teriam avanços nas suas aprendizagens.

O objeto desta pesquisa é sobre o Autismo na Educação Infantil e a importância da formação docente que se deu através de uma análise feita na escola CMEI José Gilberto Alves de Carvalho, com a aplicação de um questionário elaborado sobre a temática a ser pesquisada no qual foram aplicadas com as professoras da instituição.

Ao longo do tempo o autismo tem se tornado um dos assuntos mais buscados dentre as pesquisas da atualidade, sua complexidade, por ser um distúrbio que se apresenta durante toda a vida do indivíduo podendo ser percebido através da comunicação, interação social e do comportamento que muitas vezes podem se tornar de difícil compreensão, podendo ser observado desde o início da infância.

Podemos perceber o quanto é difícil para os pais, professores e até mesmo para as crianças que tenham o TEA consigam interagir entre si, visto que muitas das vezes demonstram comportamentos agressivos, com hábitos repetitivos, porém nem toda criança autista é igual a outra, cada criança apresenta seu grau de dificuldades.

A presente pesquisa procura esclarecer e de certa forma contribuir com a escola CMEI José Gilberto Alves de Carvalho sobre a importância da formação docente refletindo acerca das crianças autistas, suas complexidades e dificuldades envolvendo principalmente professores e alunos.

Assim, como menciona Paulo Freire (1996) “educar não significa somente transferir conhecimentos mais criar possibilidades para que o educando consiga através dessas possibilidades encontrar caminhos para produção e construção de saberes ao longo do processo”.

O trabalho teve como objetivo específico abordar a formação docente voltada para o entendimento sobre o TEA na perspectiva de buscar conhecimentos científicos mais analisados por algumas teorias que venham contribuir para o entendimento e melhoramento no contexto educacional de uma educação inclusiva visando o contexto pedagógico das professoras da escola pesquisada.

Portanto, para a elaboração deste trabalho, foram utilizadas um levantamento bibliográfico, fundamentada na leitura de artigos, livros e site que são de suma importância para compreensão do objeto pesquisado.

Como complementação aos objetivos específicos contemplamos os seguintes objetivos gerais:

- Conhecer características da criança com autismo;
- Aumentar os conhecimentos sobre o autismo e perceber como pode ser trabalhado o processo de ensino aprendizagem com essas crianças autistas no contexto escolar.

O trabalho teve como objetivo geral abordar a formação docente voltada para o entendimento sobre o TEA na perspectiva de buscar conhecimentos científicos mais analisados por algumas teorias que venham contribuir para o entendimento e melhoramento no contexto educacional de uma educação inclusiva visando o contexto pedagógico das professoras da escola pesquisada.

Portanto, para a elaboração deste trabalho, foram utilizadas um levantamento bibliográfico, fundamentada na leitura de artigos, livros e site que são de suma importância para compreensão do objeto pesquisado.

Este trabalho será apresentado para a conclusão de Curso-TCC, portanto, sendo dividido em algumas temáticas, na perspectiva do educador e sua formação em um contexto mais amplo sobre o TEA, abordaremos alguns fatos importantes para compreendermos a importância da formação do educador para trabalhar com crianças autistas em outros contextos que talvez não seja sua realidade em sua prática cotidiana de sala de aula., sendo organizado em **(sete)**:

No primeiro capítulo daremos início a introdução da pesquisa contextualizando como se dará o processo da pesquisa. No segundo capítulo da pesquisa utilizamos alguns aparatos teóricos refletindo acerca da formação docente voltada para o expecto autista, visando um olhar mais pedagógico dos educadores do CMEI José Gilberto Alves de Carvalho de acordo com as propostas demandadas do curso de pedagogia, pensando na importância da formação docente e os desafios encontrados na escola.

No terceiro capítulo descrevemos alguns desafios encontrados na educação especial e os caminhos que devemos percorrer dentro da escola para que as crianças autistas sejam incluídas e integradas dentro das escolas.

No quarto capítulo analisamos alguns aparatos teóricos conceituando o autismo, abordando algumas características de crianças autistas utilizando alguns métodos visto para uma compreensão mais significativa sobre o autismo: ABA, TEACCH, DSM, PECS visando o desenvolvimento da criança com autismo.

No quinto capítulo, buscamos conhecer o contexto da educação do CMEI José Gilberto Alves de Carvalho tendo como experiência a minha contribuição como auxiliar de professora e estagiária da sala de AEE.

No sexto capítulo abordaremos a respeito do percurso metodológico da pesquisa.

Por fim, fizemos a análise de dados da pesquisa feita na escola CMEI José Gilberto Alves de Carvalho, a pesquisa se constituiu através dos questionários enviados via Google Forms com treze perguntas para dez professoras atuante em sala de aula, , no entanto, somente nove professoras responderam, tendo como foco perceber como essas profissionais se identificam na perspectiva de sua formação docente e autoanálise pessoal enquanto educadoras de crianças autistas, percebendo os desafios encontrados na escola e a importância da formação docente voltada para o expecto autista, visando um olhar mais pedagógico dos educadores do CMEI José Gilberto Alves de Carvalho de acordo com as propostas demandadas do curso de pedagogia. Percebe-se o quão as professoras tiveram dificuldades para trabalhar com crianças autistas, baseadas na fragilidade de suas formações para tal processo formativo enquanto professoras de crianças com especificidades distintas.

2. FORMAÇÃO DOCENTE E OS DESAFIOS ENCONTRADOS NA ESCOLA

É impossível falar de qualidade de ensino, sem falar da formação e da prática dos professores, certamente ambas estão interligadas. Por meio da formação e de sua prática o professor contribuirá para uma melhor qualidade de ensino dos seus discentes. A formação docente é de extrema importância para dialogar com as práticas a serem trabalhadas com alunos autistas ou alunos que apresentem qualquer outro transtorno, visando promover uma educação qualitativa e conseqüentemente uma melhor qualidade de vida. Para Gilberg (1990), o autismo não é uma doença, mas sim uma condição. A falta de conhecimento sobre a síndrome ainda se torna um dos principais fatores para exclusão de alunos autistas das salas de aulas no ensino regular, a falta de trabalho multidisciplinar que perceba o autista como um ser bio-psico-sócio-cultural, a pessoa autista perpassa por vários preconceitos estigmatizados acerca dos pré-conceitos sobre o autismo.

O autista é diagnosticado com incapacidade e inabilidade das práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula fazendo com que isso se torne o papel central no percurso de toda sua vida. No entanto, os casos mais comuns acerca do autismo estão mais centrados nos aspectos sintomáticos da síndrome do que a busca de estratégias e intervenção para superar as dificuldades encontradas para que a pessoa consiga um melhor desempenho em suas atividades. Portanto, a exclusão da pessoa autista no seu contexto social está centralizada nas concepções pré-conceituais das “coisas” distintas que a pessoa autista não consegue ter um bom desempenho ou até mesmo por não conseguir fazer determinadas coisas ditas como de fácil reprodução.

As concepções existentes são muito importantes para a compreensão de mundo sobre o ser humano. Estão interligadas nas questões fundamentais sobre a importância das suas práticas sobre as questões teóricas, científica e empírica, por tanto o ser humano acredita no que vem outrem e deixa de ir em busca de novos conhecimentos que podem melhor contextualizar seu problema. No entanto, a buscas de novas áreas de conhecimentos é muito importante para ter uma análise além das concepções já mencionadas e estudadas anteriormente.

Referente as questões centrais sobre a pessoa autista contendemos contra o pré-conceito, que se baseia nos aspectos sintomáticos da síndrome, acaba excluindo a pessoa autista do convívio das outras pessoas não autista. Baseado nas concepções de que a pessoa com autismo sofre com isolamento, referindo -se como uma de suas características.

A responsabilidade do educador estar em como intervir da melhor maneira por meio da ação reflexão e de como essa ação reflexiva, geradora de práticas pedagógicas podem auxiliar

para o desempenho desse educando. Já não se pode mais fechar os olhos para o autismo e fazer de conta que ele não existe, no entanto, a busca de maneira inovadoras, práticas diferentes das já existentes, facilitadora, principalmente práticas inclusivas e produtivas para a construção de uma melhor qualidade de vida da pessoa com TEA.

Todavia, tal prática só pode ser rompida se rompermos com os pré-conceitos intitulados e definidores como destinatário do destino da criança com autismo. É primordial que o educador ou qualquer profissional que trabalhe com criança autista tenha conhecimento sobre a síndrome e de suas características existente, tais conhecimentos devem ser usados como práticas em busca de melhorias e não para dar mais desculpas a respeito das dificuldades existentes de se trabalhar com a criança autista.

Os desafios existentes devem ir além das dificuldades, o educador deve enxergar além da criança com autismo, mas sim perceber esse indivíduo como ser humano e, ele deve estar inserido na sociedade assegurados de seus direitos assim como as outras pessoas que não são autistas.

Fumegalli (2012, p. 41) discorre que:

Todos os profissionais da educação precisam estar atentos para as particularidades dos alunos com deficiência, respeitando-os e atendendo-os como cidadãos capazes, detentores dos mesmos direitos que os demais alunos dentro de uma sociedade igualitária. Faz-se urgente enfrentar o desafio da inclusão escolar e de colocar em ação os meios pelos quais ela verdadeiramente se concretiza. Por isso, é necessário promover uma reforma estrutural e organizacional de nossas escolas.

Quando percebemos que muitas coisas precisam ter significado para a criança autista e em outros casos também devem ser compreendidas por nós, que julgamos determinados condicionantes do seu mundo excluindo fazendo assim com essa criança autista possa ser incluída no nosso mundo. Diante de tal entendimento podemos modificar nossa maneira de pensar e agir, modificando nossas vidas para uma nova concepção de mundo respeitando as desigualdades e diversidades existentes entre cada indivíduo.

De acordo com Reuven Feurstein, em sua Teoria da Experiência de Aprendizagem Mediatizada diz respeito na qualidade e interação entre o aluno e o mediador, dando mais valorização no papel do mediador. Para Feurstein o mediador possibilita aquele aprendiz com pouco conhecimento a conviver com uma pessoa já mantedora de conhecimentos fazendo com que essa pessoa aflore seus conhecimentos mediante a mediação, enfatizando que o ser humano é modificável e para que tal modificação aconteça é necessário que ocorra uma mediatização por um mediador que preze pela qualidade, buscando melhor desempenho no processo de qualquer informação. O método de Feurstein é muito utilizado por outros países, em diversas culturas em busca do favorecimento do progresso educacional nas sociedades

multiculturais, buscando envolver educadores e alunos em busca de na ampliação do processo de modificação cognitiva estrutural existentes.

Portanto, a EAM busca desenvolver objetivos que estagna qualquer desafio e complexidade, vem provocar mediante o mediador métodos promovendo encorajá-los a intelectualidade em busca de originalidade e criatividade, desenvolvendo atividades não convencionais, objetivando estimular para vencer os obstáculos, apresentando objetivos para conseguirem alcançar com êxito em sua aprendizagem.

Buscando incentivar e conscientizar do seu potencial e capacidade para superar situações inovadoras e complexas. O compromisso do educador é indispensável, mantendo sua postura que alcance a todos, as características de aproximação com a criança autista é fazer com que o educador consiga cativar a criança para que ambos consigam desenvolver uma boa relação. Não precisamos de uma rede unitária de ensino, mas sim de profissionais qualificados que saibam atuar dentro de um contexto de realidade fora da que foi idealizada. A formação do docente não deve acontecer fragmentada e fora da realidade do contexto sociocultural que ele está inserido, caso isso aconteça o educador está indo de caso contrário ao seu papel de educador, estará inapto, pois sua formação não conduzirá com a exigências existentes em seu convívio real.

A EAM, desde que se observem os critérios anteriormente apresentados, é muito mais que uma filosofia educacional, é um sistema de crença que crê na autoplaticidade humana, na necessidade que qualquer ser humano possui de atingir a competência e a maestria e de aumentar os seus níveis de auto-realização. (Op. cit., 1998, p. 77).

A formação continuada é de suma importância para os professores que trabalham com crianças autistas, o professor deve entender que mesmo tendo alunos autistas ambos não apresentam características iguais, todavia, o professor deve ter um olhar atento para não acabar excluindo esses alunos, mas sim procurar meios e estratégias que possam favorecer no processo de mediação para ajudar a vencer suas dificuldades e fazer com que ele se sinta importante, e incluído, podendo participar ativamente das questões sociais existentes na sociedade.

O professor para trabalhar com criança autista deve perceber alguns aspectos importantes, as crianças autistas não demonstram muito interesse em participar, momento em que o papel do professor é fundamental, um olhar mais observador e atento para situação demonstrada pela criança, valoriza as habilidades e possibilidades encontradas. Mesmo a criança não demonstrando algum tipo de interesse o professor não deve deixá-la de lado, uma

vez que diante do comportamento da criança o professor poderá conseguir observar alguns aspectos que a favorecer o seu desenvolvimento.

Gerar confiança no aluno é fundamental, estabelecer um laço afetivo para conseguir trabalhar com esse aluno de forma significativa, as crianças pertencem realidades diferentes e o professor como mediador deve estar preparado para lidar com elas, respeitando as diferenças e dificuldades apresentadas por cada uma, fazendo com que as mesmas se sintam acolhidas e seguras no ambiente que ela se encontra. O professor deve mostrar segurança para seus alunos mesmo diante das dificuldades apresentadas por eles. O professor deve ter um olhar atencioso para tudo que está acontecendo no ceio escolar, ou seja, são inúmeros fatores que o professor deve estar atentamente observando para conseguir manter uma boa relação com seu aluno e fazer com que ele consiga um bom desenvolvimento.

É muito importante que o professor se atente para as limitações e dificuldades dos seus alunos, pois mesmo com essas características, antes desse individuo ser um autista ele é um ser humano com inúmeras habilidades e capacidades, a fragilidade sobre os conhecimentos dessa síndrome faz com que aluno acaba sendo excluído, quando não apresentam tais características diante dos aspectos esperados de uma criança autista, por isso o professor deve respeitar as limitações de cada aluno, seu interesse, são várias as características mencionadas sobre a criança autistas, “que a criança autista vive em um mundo distante, isolado no seu próprio mundo”. Por apresentarem dificuldade de interação e na linguagem faz com que esse aluno fique fechado em seu mundo. A partir do momento que o educador limita a criança somente nos aspectos que lhe são de seu interesse acabam fechando essa criança em um mundo cheio de pré-conceitos, pois há necessidade de se desvincular de tal, e de fato inserir e incluir a criança no “nosso” mundo que também “é” o mundo dela, o mundo que ela vive e deve estar inserida em todas as questões socioculturais existentes na sociedade.

A intervenção é um dos principais aspectos que o professor precisa compreender saber a hora de intervir, as buscas na análise desse modelo de intervenção devem estar centradas sobre as práticas que emperram os processos de aprendizagem desse aluno e não o contrário. As abordagens trabalhadas com a criança autista são de base comportamental. Todavia, não visa aprisionar os comportamentos condicionantes da criança autistas, mas retirá-la daquele ambiente limitado de tais comportamentos que ocasionam vários danos. As crianças autistas requerem um profissional qualificado, preparado e dedicado.

O professor deve ter cuidado ao realizar a avaliação relacionada ao comportamento dos alunos, pois dependendo dessa avaliação o professor poderá observar as atitudes causais e prejudiciais que fomentam a criança autista e que acabam por limitar sua aprendizagem.

Para que as escolas sejam inclusivas para crianças autistas, a escola deve analisar alguns fatores importantes, observar se toda comunidade escolar, principalmente o professor regente que vai atuar em sala de aula com essa criança, se ele tem conhecimentos propícios para trabalhar com crianças com TEA, partindo da análise do comportamento e limitações que o professor deve saber, ou seja, para que assim ele possa criar maneiras adequadas para serem trabalhadas. O professor tem um papel importante na escola, reconhecer e respeitar as diversidades existentes em sala de aula, tem a responsabilidade de contribuir para uma educação significativa para todos em detrimento de deficiência ou não. A criança autista precisa se sentir segura e acolhida e o professor é o único responsável em sala de aula para poder repassar essa segurança. Como dizia Vygotsky que o trabalho deve partir da emoção. Quando criado o afeto ele incentiva os sonhos e ideias para que possa ocorrer seu processo.

Na atualidade nota-se os inúmeros casos de preconceitos para com crianças autistas. O preconceito existente é devido à falta de conhecimento muitos casos da própria comunidade escolar que acabam perpetuando tais atitudes discriminatórias.

A falta de formação direcionada para trabalhar com crianças autistas ou crianças que tenha quaisquer outros transtornos está na fragilidade dos cursos de licenciatura, principalmente nos cursos de pedagogia, muitas instituições contemplam no seu currículo apenas uma disciplina direcionada para a educação especial, tal despreparo acaba não gerando interesse por parte dos formandos em buscar conhecimentos para além da formação, operando para a falta de preparo dos professores. Em alguns casos a falta de interesse desses profissionais em buscar novos conhecimentos sobre fatores distintos da sua realidade, outros até podem ter conhecimento, mas não se sentem e não estão preparados para trabalhar com essas crianças. Outro fator muito importante é a falta de Políticas Públicas direcionadas para o processo de formação continuada para os professores que trabalham com crianças atípicas.

A realidade de algumas escolas demonstra a fragilidade de conhecimentos sobre o autismo, o corpo docente já pode ter ouvido falar sobre autismo, mas não está preparado para atuar com essas crianças. Portanto, como esses profissionais podem trabalhar com crianças autistas sem conhecer as características do autismo? Tendo em vista que a formação de cada professor é diversificada, cabe a ele mostrar interesse e comprometimento com a escola e principalmente com seus alunos.

Com base na Política Nacional de Educação o professor deve ter formação inicial e continuada para trabalhar com crianças deficientes. A fragilidade da concepção de formar professores para atuar com alunos deficientes ou que apresentam quaisquer outros tipos de transtornos, alegando a substituição do ensino regular comum é inadmissível, no entanto, o professor precisará de um profissional especialista para trabalhar com ele. A escola precisa urgente quebrar os pré-conceitos existentes sobre o autismo e trabalhar com respeito pela diversidade. Existem várias estratégias para inserir a criança autista no ensino regular.

- Adaptação do currículo escolar que contemple a todos, respeitando os desejos, os gostos, as diferenças e que incluam todos a partir de suas especificidades.
- Preparação da comunidade escolar, bem como os professores e alunos incluindo a prática do respeito e amor ao próximo.
- Incluir no Projeto Político Pedagógico (PPP), políticas públicas inclusivas no ambiente escolar.
- Participação da família nas práticas pedagógicas em alguns momentos na escola.

A criança autista tem por Lei o direito de estar matriculada na rede regular de ensino. No entanto, os professores devem elaborar recursos pedagógicos de acessibilidade para atender as necessidades desses alunos. Um dos princípios norteadores para a formação docente de profissionais para atuarem no Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado, aprofunda o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial. (Brasília: MEC/SEESP, 2008, p.17).

3. DESAFIOS ENCONTRADOS PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL/INCLUSIVA

Para educar uma criança autista sem dúvidas os profissionais da educação passarão por grandes desafios. A educação especial no contexto da educação inclusiva vem enfrentando grandes confrontos e desafios, principalmente quando se refere a inserção e permanência de pessoas com deficiência nas salas do ensino regular.

Portanto, são vários os desafios enfrentados na Educação Especial, um deles é a falta de políticas públicas inclusivas que sejam de fato inseridas no ambiente escolar, sabe-se que existem algumas políticas públicas direcionadas para a educação especial, políticas essas que precisam ser repensadas no quesito planejamento e elaboração de propostas pedagógicas inclusivas, para atender tal público, pois inclusão vai muito além de matricular uma criança com deficiência na escola, existem vários fatores que podem excluir o aluno em vez de incluir, e isso é o que mais tem ocorrido nas escolas. O ambiente escolar também é um dos fatores de grandes desafios para a educação especial, existem várias escolas que atendem crianças com deficiência, mas se encontram sem rumo, sem um norte de como incluir essas crianças, e trabalham com uma perspectiva desfavorável para atender tal público: salas descapacitadas, falta de recursos pedagógicos, falta de profissionais qualificados para atuar com esse público, ou seja, todos esses problemas tornam ainda mais difícil o ensino aprendizagem dessas crianças com deficiência, a formação de profissionais capacitados para trabalhar com alunos com deficiências é de extrema importância, pois o mesmo pode perceber e buscar compreender a realidade daquele aluno com deficiência e, partindo desse contexto trabalhar da melhor forma para que ela consiga se desenvolver ou não.

No que se refere a inclusão de crianças com deficiência na escola existem vários marcos legais que trata e garantem os direitos de uma educação de qualidade, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), de 1996 e a Convenção de Guatemala, de 1999 torna inviável qualquer tipo de diferenciação, ou que exclua qualquer criança que tenha algum tipo de deficiência ou limitação, restringindo a sua deficiência como empecilho para que a criança possa se desenvolver, trazendo uma discursão reflexiva acerca de que toda criança deficiente tem os mesmos direitos que outras crianças “típicas”.

As Diretrizes Curriculares Nacionais defendem que a Educação Especial tem como um dos seus princípios norteadores o respeito pela diversidade, oferecendo uma educação preferencialmente nas redes regular de ensino, mesmo o aluno tendo qualquer tipo de deficiência, a escola deve oferecer quando for necessária uma rede de apoio para os alunos com deficiências, assim ajudando-os atender suas necessidades na sala de aula. ainda é notório uma falta de formação para os professores impedindo que aconteça de forma eficiente o processo de escolarização desses sujeitos. O contexto de inclusão vem cada vez mais sendo defendido, desde o século anterior, traz grandes reflexões acerca dos contextos sociais e políticos refletindo em uma visão mais ampla, demonstrando participações dos indivíduos nas questões econômica, política e cultural. Se tratando do processo de inclusão ao campo educacional, traz consigo várias implicações e questionamentos para serem repensados, ou seja, uma mudança em relação ao ensino aprendizagem, levando em conta o contexto do que se entende por educação especial/inclusivas. Outro grande desafio refletindo a partir da falta de conhecimentos sobre como ocorre a inclusão de crianças com deficiência está interligado sobre o que se entende na contemporaneidade sobre inclusão e como devemos trabalhar de forma inclusiva, partindo disso trago um dos mais importantes conceitos para a inclusão de crianças ou não com deficiência para serem incluídas dentro do ambiente escolar.

3.1 Educação especial e as salas de apoio Atendimento Educacional Especializado (AEE)

O Atendimento Educacional Especializado é apresentado como um dos suporte mais eficientes para ajudar na integração de crianças com necessidades especiais, pois, ajuda no processo de ensino aprendizagem garantindo direito e possibilidades a estes sujeitos. A legislação brasileira determina que toda criança com necessidade especial tem direito ao acesso nos espaços sociais da sociedade e para que esses direitos sejam respeitados deve haver uma educação que integre todos da mesma maneira, mas nem sempre isso acontece, a educação ainda se encontra distante de assegurar esses direitos, um dos espaços mais direcionados para que isso aconteça é a escola, ou seja, a escola deve inserir e integrar toda criança, seja ela “típica” ou a “típicas), a escola deve assegura-la de seus direitos, mas algumas escolas não estão preparadas, tanto no requisito espaço físico, quanto no quadro de formação de professores.

A escola é um dos espaços onde mais ouvimos sobre integração de pessoas com deficiência, mas nem toda escola conta com um serviço de apoio, o AEE ainda é um segmento distante de algumas escolas, mesmo sendo garantido por leis, para ajudar nas necessidades dos alunos. A sociedade do século XXI se encontra em grandes avanços e modificações, várias roupagens surgiram durante esses últimos anos, principalmente no campo educacional, a era digital vem tomando conta da sociedade e está cada vez mais se espalhando pelo mundo trazendo uma nova perspectiva educacional, a escola deve estar acompanhando esse ritmo para que a educação não pare.

O Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 decreta que deve haver Salas de Atendimento Educacional Especializados (AEE), para garantir apoio e integração de crianças com deficiência nas escolas regulares.

Art. 2º A educação especial deve garantir os serviços de apoio especializado voltado a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Decreto Nº7.611, de 17 de novembro de 2011).

[...]

§ 2º O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas. (Decreto Nº7.611, de 17 de novembro de 2011).

Falar em educação especial e inclusiva é destacar um campo educacional que vem gerando grandes discussões e debates acerca dos desafios e possibilidades dessa área, e se tratando de inclusão escolar, isso destaca que é um papel não só educacional, como social, político e econômico.

Por muito tempo pessoas com deficiências foram consideradas inaptas a participar da educação formal, e isso mostrou a incapacidade dos dirigentes da educação em atuar para atender as necessidades educativas desse público, os alunos com deficiências eram impedidos de frequentar a escola regular junto com as demais pessoas com o comprometimento de suas atividades, físicas, motoras, cognitivas ou intelectuais.

O ensino de pessoas com deficiências era destinado a instituições especializadas, tratavam mais de atender as necessidades que essas pessoas possuíam em virtude da sua deficiência do que em realmente desenvolver a educação escolar. E quando esse público deixou de ser alvo de uma segregação e passou a frequentar as escolas do ensino regular, foi revelado uma incapacidade de se trabalhar com esse público, por conta do despreparo dos profissionais da educação e dos governantes.

Esse cenário iniciou uma mudança quando se pensou em inclusão escolar. Entende-se por educação inclusiva:

Educação inclusiva é o processo que ocorre em escolas de qualquer nível preparadas para propiciar um ensino de qualidade a todos os alunos independentemente de seus atributos pessoais, inteligências, estilos de aprendizagem e necessidades comuns ou especiais. A inclusão escolar é uma forma de inserção em que a escola comum tradicional é modificada para ser capaz de acolher qualquer aluno incondicionalmente e de propiciar-lhe uma educação de qualidade. Na inclusão, as pessoas com deficiência estudam na escola que frequentariam se não fossem deficientes. (SASSAKI, 1998, p. 8 apud MENDONÇA, 2015, p. 5).

O aluno com deficiência precisa ser reconhecido como parte integradora da educação, e para isso precisa ter seus direitos garantidos, assim como todos que fazem parte da educação inclusiva. Não basta apenas dar a oportunidade para que esse aluno frequente as escolas, é necessário que se tenha preparo e disciplina para que de fato esse momento seja proveitoso a todos, e com isso é necessário que professores e alunos trabalhem juntos, para que seja garantido a efetivação do processo de ensino e aprendizagem, nesse sentido as escolas devem estar preparadas para receberem os alunos da educação especial e inclusiva, e esse preparo culmina em mudanças e melhorias nas escolas, que devem estar preparadas para que as necessidades dos alunos sejam atendidas, pois existe uma controvérsia, muitas escolas acham que o aluno com deficiência que deve se adaptar a escola e nós sabemos que a escola que deve ser adaptada para receber esse aluno indo em busca de meios para trazer a realidade desse aluno para dentro da escola de forma efetiva e inclusiva e integradora.

A educação escolar é um dos mais poderosos meios de superação das desigualdades, no entanto ela também é um órgão reprodutor delas, no momento em que a escola rejeita um aluno por ter algum comprometimento em suas funções globais, ou até recebem aquele aluno mas não lhe dá suporte para que ele continue incluído na educação, a escola está discriminando aquele aluno, e ela está discriminando o mesmo preconceito que aluno sofre na sociedade, está o suprimindo, impedindo que aquele aluno perca aquilo que lhe assegura a constituição, pois a educação se trata de um direito de todos. No entanto, é possível modificar esse cenário escolar e transformar a escola no que ela deveria ser, um espaço de realização e de destaque das capacidades individuais e coletivas dos alunos.

A escola precisa reconhecer as capacidades dos alunos da educação especial, e fazer com que eles sejam acolhidos, ofertando um ensino de qualidade, que os prepare para o contato com a sociedade e suas funções no mundo capitalista.

Não se pode permitir que a escola perpetue preconceitos, pois, ela é um espaço de grande diversidade, onde é possível encontrar em uma única sala de aula alunos totalmente diferentes entre si, em quesitos culturais, sociais, econômicos, e até mesmo com comprometimentos das suas funções corporais e mentais.

É necessário também trabalhar em conjunto, família e escola devem manter uma relação harmoniosa e participativa, que permita que ambos trabalhem juntos, pois a família é a primeira instituição social que a criança da educação especial e inclusiva irá entrar em contato, é com a família que a criança irá aprender sobre a convivência com as outras pessoas, sobre regras, diferenças sociais e econômicas. É indispensável que a família das crianças da educação especial e inclusiva estejam preparadas para recebê-las em seu meio familiar, pois, ninguém espera que seu filho sofra de alguma deficiência que o limite em algum sentido, e esse medo somado a enorme quantidade de pessoas desinformadas e preconceituosas que a criança irá encontrar, pode influenciar negativamente em todos os meios da vida dessa criança com deficiência.

É possível que de tanto ser vítima de preconceitos, essas pessoas em algum momento possam trazer aquilo para si, e acreditar nas maldades humanas que são direcionadas a ela, e assim, acabam afastando-se da sociedade e da educação. Por muito tempo limitou-se o reconhecimento somente da educação tradicional de pessoas sem deficiência, por esse motivo o sistema educacional de ensino não consegue alcançar altos níveis educativos, e a educação especial e inclusiva acabou sendo marginalizada, agora, precisamos mudar isso.

A educação em geral precisa de investimento, não se pode focar somente em uma área da educação e esquecer da outra, o ensino público necessita ter o investimento que merece, pois, a educação gera bens inimagináveis, não somente econômicos, a educação abre caminhos e possibilidades de mudança em todos os cenários sociais, por isso precisa ser bem desenvolvido para que esteja ao alcance de todos.

4. ENTENDENDO O AUTISMO

O termo autismo foi utilizado primeiramente por Plouller, em 1906 quando estudava o pensamento de pacientes indicando sinais de demência, em seguida, o termo foi utilizado para se referir a características de esquizofrenia nos estudos do psiquiatra suíço E. Bleuer, em 1911, que mencionava como um dos principais sinais de esquizofrenia. Apenas em 1943, através de estudos do psiquiatras, Leo Kanner, e alguns psicanalistas, o termo passou a fazer parte de um novo quadro nosológico, que hoje é denominado Transtorno do Espectro Autista (TEA). Leo Kanner acompanhou o comportamento de onze crianças com diagnóstico de esquizofrenia, nas quais observou comportamentos adversos aos comportamentos ditos “normais” de como essas crianças deveriam se comportar, Kanner, incidiu que os comportamentos daquelas crianças eram inadequados, denominando assim como: maneirismo e estereotípias, apego excessivo a rotina e monotonia, dificuldade de lidar com determinadas mudanças, observou respostas incomuns ao ambiente e as maneiras de se comunicar que não eram habituais, comportamentos repetitivos, caracterizando-os como: “Distúrbios Autístico do Contato Afetivo”. Ele observou que as crianças apresentavam comportamentos estereotipados, também observou que as crianças eram muito inteligentes, apresentavam comportamentos obsessivo, além disso apresentavam comportamentos pouco comuns, eram crianças pouco amorosas, apresentavam ecolalia e inversão de pronomes. Kanner, disse que era uma característica inata, teve sua análise baseada em algo muito absurdo, afirmando que as crianças tinham distanciamento das mães, ou seja, disse que a culpa dessas crianças terem “autismo”, características incomuns era culpa das mães devido à falta de afetividade da mãe, que a culpa seria dos pais por não ter um planejamento para ter essa criança. Uma denominação que incidia que a criança não teria sido desejada. Tal termo ficou bastante conhecido como “mãe geladeira” responsabilizando assim a mãe pelo surgimento do autismo na criança. As causas do autismo não estão completamente desvendadas, embora já se tenha como um certo componente genético não isolou um gene sequer. O diagnóstico é clínico deve ser feito por profissionais qualificados e pelo acompanhamento e observação da crianças e conversa com os pais e os familiares para ser ter um análise diagnostica da criança.

Não existe um exame clínico que faça o diagnóstico de autismo, o profissional fará isso por meio da observação e conversa com a família. Faz se importante o diagnóstico da criança autista nas instituições escolares, pois com esse diagnóstico a escola consegue ser contemplada com recursos para atender as dificuldades dos alunos.

Kanner estabeleceu um diferencial para os casos de transtornos mentais e para os casos de dificuldade de linguagens, tal concepções intrínsecas colocavam dificuldades na produção do diagnóstico do autismo. Há algumas particularidades de crianças autistas, existem casos diversos sobre autismo desde o mais leve ao mais severo. Na atualidade não se fala mais de variados tipos de autismo. Hoje reconhece que toda criança que apresenta características autísticas está dentro do Transtorno do Espectro Autismo (TEA).

Na atualidade há vários estudos voltados para se entender sobre autismo e há algumas controvérsias também desse termo, sua ampla especificidade desde as características inatas as questões genealógicas têm sido algo que fomenta pesquisa de alguns pesquisadores para entender suas variedades comportamentais e diversas características. A palavra “**autismo**” derivada do grego “**autos**” que significa: voltar-se para consigo mesmo. O termo autismo foi utilizado pelo psiquiatra Eugen Bleuler, termo para descrever os critérios de diagnóstico de esquizofrenia, critérios esses denominados como” os quatros A’s de Bruller, que são: alucinação, pouca afetividade, ambiguidade e autismo. Portanto, a palavra tendi a fazer uma correlação a comportamentos esquizofrênicos, comportamentos visando uma perspectiva para consigo mesmo, ficando somente no seu mundo, uma caracteriza perceptível na atualidade de alguns casos de autismo denominando o comportamento autista, tornando um ser alienado das pessoas a sua volta.

Desde o surgimento do autismo houve uma controversa do que de fato vem ser o autismo e de onde surgiu, quais suas características e que causas podem ajudar no desenvolvimento do autismo? Foram perguntas que fizeram com que vários autores tivessem interesse de ir em busca de respostas, mesmo na atualidade não se sabendo de fato as causa do autismo tais pesquisas foram fundamentais para que essas pessoas fossem percebidas pela sociedade. O diagnóstico do autismo se faz necessário mediante sua importância, mas suas características distintas fazem com que cada criança autista tenha seu diagnóstico diante de suas necessidades, ou seja o autismo estar associado a diferentes comorbidades.

4.1 COMO IDENTIFICAR SINAIS DO AUTISMO

Repetições de sons e movimentos; andar na ponta dos pés; impressão de ser surdo por não compreender o chamado inclusive não responder chamados ao próprio nome; atraso na fala; baixo contato visual e poucas expressões faciais; preferência por brincar sozinho; interesses intenses em objetos específicos; dificuldade em abraçar e ser abraçado.

4.2 CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO

Déficit sociais; comportamento repetitivo; apego a objeto diferentes; não gosta de alteração na rotina.

DSM-5

Segundo a Associação de Pesquisa Americana de Pesquisa (APA, 2013), O Transtorno do Espectro Autista (TEA), o autismo está associado a falta de incompatibilidade do comportamento, sendo a falta de interação e comunicação social, movimentos repetitivos das atividades e interesses restritos.

Durante muito tempo profissionais da saúde com seus estudos científicos têm colaborado para o conhecimento do cognitivo e seus níveis referente ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), O DSM III e IV sofreu uma nova atualização, várias discussões foram feitas a respeito da revisão do novo DSM-5, houve alguns critérios referente a essa nova atualização foram fundamentais para ter uma análise referente aos DSM antecessores, traz alguns princípios que precisam ser levados em consideração, a análise de dados foram elaboradas a partir de quatro princípios que iram norteá-los:

O DSM-5 destina-se principalmente a ser um manual para clínicos, e as revisões devem ser viáveis para a prática clínica de rotina; 2) as recomendações para revisões devem ser norteadas por evidências de pesquisas; 3) sempre que possível, devesse manter a continuidade das edições anteriores do DSM; e 4) não se deve colocar restrições a priori sobre o grau de mudança entre o DSM-IV e o DSM-5. (DSM-5, 2013, p. 50).

Segundo a nova atualização do DSM-5 o autismo pode ser analisado a partir da avaliação em graus; sendo eles:

Grau 1; Nível Leve: Aqui em muitos casos a criança autista passa a ser considerada preguiçosa, sem interesse, há uma certa dificuldade no processo de comunicação, havendo um número menor de comorbidade, tem funcionamento bom, conseguir se desenvolver bem na escola, a criança tem mais autonomia, ou seja, a criança tem características do aspecto, tem os sintomas, o problema pode ser percebido na comunicação, mas isso não torna empecilho para que a criança interaja socialmente e nem deixa de fazer funções que valorizem o contato com outras pessoas.

Grau 2; Nível Moderado: A criança apresenta características mais comprometidas, pode-se perceber dificuldade em verbalizar, existe um aumento de comorbidade, vai precisar de mais apoio pois tem dificuldade em expressar suas habilidades, tem um baixo rendimento, cognitivo, inflexibilidade comportamental. Nesse caso se faz necessário que o processo de intervenção comece mais rápido possível. Em alguns casos há probabilidade de a criança autista deter uma evolução que pode levar a independência. No entanto, em outros casos mesmo depois de criança precisarão da ajuda de um adulto.

Grau 3; Nível Severo: A criança Precisa de ajuda intensiva, mais tratamento, acompanhamento na escola, acompanhamento em casa, tratamento em clínica com especialistas, com todos esses acompanhamento a criança com grau 3 tem um grande nível de gravidade no seu desenvolvimento, além da grande dificuldade em se socializar há um mal funcionamento do seu corpo e da sua mente, não há uma boa resposta referente aos estímulos, dificilmente a criança conseguirá se desenvolver de forma significativa e há menos chance dessa criança ter sua independência, pois apresenta dificuldade em fazer qualquer tarefa desde as mais difíceis até as mais básicas.

Segundo o DSM-5 Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais o autismo é um transtorno de neurodesenvolvimento causados pela dificuldade de se comunicar, dificuldade de interação socialmente com outros indivíduos, interesses restritos e estereotipados que são caracterizados como Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou Perturbação do Espectro Autista (PEA). Se diagnosticado e o tratamento ocorrer nos primeiros anos há maior probabilidade dessa criança conseguir se desenvolver e adquirir sua independência.

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA), dentro de vários diagnósticos resumiu o autismo em uma única condição, que é o Transtorno do Espectro Autista (TEA), caracterizado por dois grupos de sintomas. O primeiro grupo de traços autistas que está relacionado à socialização, dificuldade na comunicação, dificuldade na interação social, falta de reciprocidade dentre outros. O segundo grupo de traços autistas está relacionado aos comportamentos e interesses repetitivos, interesses restritos anormais e falta de atenção. O DSM-5 têm como objetivo tornar o diagnóstico mais preciso tendo em vista abarcar conhecimentos mais elaborados de como diagnosticar os traços do autismo e suas características. Segundo os DSM-5 as características do autismo variam de acordo com as especificidades do autista.

O transtorno do espectro autista engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger (DSM-5,2013, p.94).

O autismo é mais comum em homem do que em mulheres e, pode ser percebido nos três primeiros anos de vida. Estudos apontam que o autismo nos homens é devido ao gene relacionado ao cromossomo. Segundo estudos científicos o homem possui apenas um cromossomo X de sua mãe e Y de seu pai, no entanto, as mulheres possuem dois cromossomos X, criando assim uma barreira protetora contra o autismo. O autista manifesta três características que são prejudicadas, a área social, de linguagem e comunicação, sendo esses três concepções que podem caracterizar essa pessoa com Transtorno do Espectro Autista. As diferenças e singularidades existentes apresentadas por Hans Asperger (1944) e Leo Kanner (1943) colocam tais concepções acerca das características do autismo apresentando casos como desenvolvimento do comprometimento orgânico, no entanto Asperger:

Ressaltou a questão da dificuldade das crianças que observava em fixar o olhar durante situações sociais, mas também fez ressalvas quanto à presença de olhar periférico e breve; chamou a atenção para as peculiaridades dos gestos - carentes de significado e caracterizados por estereotípias – e da fala, a qual podia apresentar-se sem problemas de gramática e com vocabulário variado, porém monótona.

Diante dos avanços da Neurociência e da Bioquímica mediante aos estudos minuciosos dos fatos a respeito do autismo não se têm um diagnóstico preciso, existe diferentes formas de classificação.

Por tratar-se de um distúrbio de desenvolvimento tão complexo nenhuma análise por si não conseguiu mostrar de fato as verdades sobre o autismo. Por ser um espectro, cada indivíduo apresenta suas características de forma individual, particular e em graus diferentes como descrito acima. De acordo com Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) 2018 uma em quarenta e quatro crianças de oito anos foram diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a quantidade foi maior nos meninos do que entre as meninas.

4.3 MODELOS DE ATENDIMENTOS

Conceituaremos os principais modelos de tratamento direcionado para pessoas autistas como modelo de intervenção educacional, tais como: **ABA; PECS; TEACCH.**

ABA

Análise do Comportamento Aplicada, é caracterizado como um tratamento comportamental observador, um conjunto de técnicas baseadas no comportamento para a criação de programas com foco na intervenção de crianças autistas, o ABA é desenvolvido no modelo naturalista, é inserido dentro da realidade da criança autista, nas suas atividades, no seu ambiente familiar e na escola, ou seja, desenvolver metas que podem ser utilizadas partindo do pressuposto do que a criança autista necessita desenvolver. Trabalha a criança autista partindo de três zonas: zona de conforto; zona de aprendizagem e zona de desregulação.

Zona de conforto:

Está relacionada naquilo que a criança quer, no entanto, não gera aprendizagem de comportamentos novos porque a criança só irá reproduzir aquilo que ela já conhece.

Zona de aprendizagem:

Exige um modelo de estimulação gerando estímulo que vai desencadear uma resposta, momento que a criança está ampliando e adquirindo conhecimentos novos.

Zona de desregulação:

Quando é muito invasivo, ou seja, que não atrai a criança, a criança não tem motivação, a criança entra em desregulação fazendo com que a criança se perca. Portanto, os programas devem ser desenvolvidos a partir das zonas: zona de conforto e zona de aprendizagem que gera estímulo, trazer a criança para perto de algo que lhe chama atenção. A ABA é uma ciência regida por princípios e o único tratamento que possui evidências científicas considerado eficaz no Autismo.

A ABA visa iniciar com instruções iniciais e dicas imediatas, visando diminuir a frustração e aumentar a motivação. Com o passar do tempo as vão dicas desaparecendo, pois a criança aprende a responder por conta própria. O objetivo da ABA é possibilitar autonomia e uma melhor qualidade de vida para a criança, sendo intensivo das habilidades básicas e necessárias para que o indivíduo se torne independente.

Portanto, o princípio do ABA é fazer a análise funcional do comportamento da criança autista, ou seja, comportamentos adequados que podem ser interligados novos comportamentos partindo dos antecessores e consequência desses comportamentos.

PECS

Deriva da expressão Picture Exchange Communication System, é caracterizado por meio de trocas de figuras. O tratamento PECS foi desenvolvido como objetivo de ajudar pessoas autistas e outros distúrbios do desenvolvimento, construí habilidades comunicativas. O sistema pode ser usado com pacientes que não se comunicam ou os que possuem baixo desempenho comunicativo. O PECS visa ajudar a pessoa autista a perceber que por meio da comunicação que é possível desencadear e alcançar seus objetivos, satisfazer suas necessidades, conseguiu expressar seus desejos, enfim, estimula a desperta a importância de comunicar-se com o outro e com o mundo. O PECS é um sistema de comunicação por troca de figuras, sendo um sistema de comunicação alternativa/aumentativa, o ensino é baseado no comportamento verbal (Skinner). O principal objetivo é ensinar a comunicação funcional mediante a troca de figuras entre parceiros de comunicação.

TEACCH

Tratamento e Educação para Autistas e Crianças para Autistas e Crianças com Déficit Relacionados à comunicação tem como objetivo perceber como princípio de que o ambiente organizado, o ensino estruturado e a previsibilidade favorecem o desenvolvimento e a aprendizagem de pessoas com autismo, objetivando a redução dos comportamentos disruptivos, o aumento repertório comunicativo e maior engajamento nas atividades. Esse tratamento auxilia a pessoa a compreender melhor o universo ao seu redor, sendo desenvolvido através de estímulos (visuais e corporais), ajudar a desenvolver a comunicação, ensina habilidades, autonomia e respeitar a individualidade de cada pessoa.

A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) determinou que os planos de saúde garantam cobertura para tratamentos nacionalmente reconhecidos e considerados adequados por médicos. Definido a partir do dia 01/07/2022, passa a ser obrigatório para qualquer método ou técnica indicada pelo médico aos tratamentos de pacientes que tenham um dos transtornos enquadrados na CID F84, conforme a Classificação Internacional de Doenças. A ANS determina que planos de saúde cubram todo e qualquer tratamento para autistas.

AUTISMO EM MENINOS

Dificuldades significativas na socialização; maior agitação, comportamentos agressivos mais presentes; dificuldades em observar e imitar.

AUTISMO EM MENINAS

Dificuldades mais sutis na socialização; menor agitação; passividade e timidez; estereotípias motoras e vocais menos presentes; facilidade em observar e imitar.

4.4 TÉCNICAS PARA TRABALHAR COM CRIANÇAS AUTISTAS

Trabalhar com crianças autistas requer planejamentos e estratégias que devem ser desenvolvidas de acordo com a necessidade de cada criança, suas limitações e interesses. Traçar estratégias pedagógicas que estimule o processo de aprendizagem dessa criança. As crianças com autistas aprendem de maneiras diferenciadas, necessita de intervenções diversificadas e mediadoras para o possível aprendizado.

O professor deve entender que não existe uma maneira, um método unificado para ser trabalhado com todas as crianças autistas, todavia, cada criança autista tem sua forma de falar, interagir, participar e práticas para aprender.

5. CONHECENDO O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CMEI JOSÉ GILBERTO ALVES DE CARVALHO

A escola CMEI José Gilberto Alves de Carvalho atualmente tem matriculados cerca de setenta e seis alunos no matutino e oitenta e dois alunos no turno vespertino, somando o total de cento e cinquenta e oito alunos. São oito salas de ensino regular comum, maternal I e maternal II manhã e tarde. Uma sala de Atendimento Educacional Especializado, a mesma atende alunos do contraturno da própria CMEI e das demais escolas nas proximidades do bairro. A escola disponibiliza de dois banheiros adaptados para cadeirantes. A escola tem oito professoras titular, sendo quatro no turno da manhã e quatro no turno da tarde, três auxiliares no turno da manhã e duas no turno da tarde, três professoras HP, duas no turno da manhã e uma no turno da tarde, O atual gestor José Benedito da Silva e duas supervisoras pedagógicas. O trabalho desenvolvido pela escola é direcionado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e a escola obtém o Projeto Político Pedagógico (PPP), criado somente na atual gestão neste mesmo ano. A escola trabalha com políticas inclusivas para atender todos os alunos de forma heterogenia, trabalhando a partir das necessidades dos seus alunos. Os alunos com deficiências participam de todos os projeto da escola direcionado pela Secretaria de Educação do Município da cidade de Codó-MARANHÃO. A BNCC divide a educação infantil entre os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento: Conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se. Os campos de experiencias: O eu o outro e o nós; gesto, corpo e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. O CMEI coloca em suas práticas pedagógicas todos esses eixos, e faz com que a educação das crianças seja de grande valia para o ensino aprendizagem dos mesmo. O trabalho desenvolvido é de forma humanizada e inclusiva para atender a todos os alunos. A escola disponibiliza de uma biblioteca e um parquinho, todas as salas são climatizadas com ar-condicionado e ventiladores no pátio da escola, tem televisão para as crianças assistirem no momento de socialização. O motivo pelo qual optei para fazer minha pesquisa na escola foi a maneira que a escola trabalha, e principalmente pelo belíssimo trabalho de gestão democrática desenvolvido pelo gestor no processo de incluir todos de forma ativa nas práticas pedagógicas, atualmente a sala de AEE recebeu vários materiais para trabalhar com os alunos deficientes, no entanto, as professoras também produzem recursos com materiais reciclados.

No entanto, a educação ainda é uma via de mãos duplas, podemos nos perguntar, o CMEI José Gilberto Alves de Carvalho está preparado para receber crianças autistas? Posso afirmar que sim, no seu contexto educacional a escola está capacitada para atender essa clientela, mas não podemos deixar de lado as fragilidades existentes, são várias as falhas do sistema educacional de ensino, e sim, ainda precisamos de políticas públicas que atenda todos a partir de suas especificidades, infelizmente ainda há famílias que procuram por vagas, no entanto as escolas não contempla a todos, pois o número de alunos é bem maior que o número de vagas ofertadas. No contexto de educação infantil ainda não é obrigatório a matrícula de alunos, mesmo sendo a educação infantil a primeira etapa da educação básica. desde a EC 59/2009, crianças de 4-17 anos a escolarização é obrigatória.

Dei início ao meu projeto de pesquisa de campo no dia vinte e quatro de agosto de dois mil e vinte e dois, no turno da manhã, atualmente trabalho como auxiliar de professora nos dois turnos, do CMEI José Gilberto Alves de Carvalho, o gestor me deu direito a um dia pedagógico, o mesmo na qual utilizo para realização de trabalhos extras, visto a necessidade de maior embasamento para elaboração deste trabalho para defesa de curso, cujo o tema está inserido dentro do contexto curricular da escola em que estou atuando. Atualmente a escola atende oito alunos com deficiências com vários diagnósticos diferentes e dois desses alunos são autistas, ao decorrer do trabalho irei chamá-los de “A” e “B”, a partir de então, compreendi o quão enriquecedor poderia ser começar observar dentro da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) o ensino aprendizagem desses alunos, a professora titular da sala aceitou o meu pedido para mim poder observar esses dois alunos durante alguns dias e ter um melhor embasamento na prática sobre as teorias já estudadas para elaboração deste trabalho. A professora me falou que os alunos eram atendidos por escalas, o aluno “A” das sete e quinze até as oito e quinze e o aluno “B” das dez e quinze as onze e quinze. No primeiro dia de observação só foi o aluno “A”, a criança tem o laudo médico. A professora trabalha de acordo com o diagnóstico do aluno e a partir das suas especificidades, segundo a professora o nível da criança é leve, o aluno é muito inteligente, tem facilidade para aprender, faz atividades de acordo ao esperado, tem facilidade em interagir e socializar-se com outras pessoas, minha presença em sala de aula foi muito bem aceita pela criança, em momento algum se sentiu constrangido com a minha presença, o aluno tem domínio da escrita. A atividade proposta pela professora foi a escrita do texto: A GIRAFÁ GERENTE, ao decorrer da escrita pelo texto for um pouco longo ele foi perdendo o interesse da escrita, e não deu finalidade ao texto, logo após o aluno foi embora, No entanto, percebi o quão o aluno é inteligente e possui habilidades nas

quais eu não sabia que uma criança autista poderia ter, foi um momento de muito importante para mim e de muita aprendizagem.

IFORMAÇÕES - LEIS

Constituição Federal de 1988, no Art. 205, “a Educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade”.

LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. – ECA - Estatuto da Criança e Adolescente.

Lei que assegura crianças e adolescentes autistas, ambos devem ter todos seus direitos garantidos. “crianças e adolescentes com deficiências têm direito ao atendimento especializado.

LEI 13.977, conhecida como Lei Romeo Mion, garante a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA), Essa lei é federal, ou seja, válida em todo o Brasil e altera a Lei Berenice Piana, 12.764/2012.

LEI Nº 13.370, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2016. Altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, para estender o direito a horário especial ao servidor público federal que tenha cônjuge, filho ou dependente com deficiência de qualquer natureza e para revogar a exigência de compensação de horário

Decreto 7.611/2011: Dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional especializado.

6. PERCURSO METODOLOGICO

A presente pesquisa faz parte do meu TCC para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, tendo em vista a importância da formação docente voltada para entendimento do espectro autista: um olhar para dimensão do educador no CMEI José Gilberto Alves de Carvalho. Os estudos desta pesquisa se deram por meio do levantamento bibliográfico, exploratório de abordagem qualitativa. A ferramenta para a elaboração desta pesquisa se deu através da aplicação do questionário com 13 perguntas, perguntas para as docentes da escola participante da pesquisa, objetivando ter uma análise na perspectiva da importância da formação docente com a correlação em suas práticas de sala aula. Tal questionário foi aplicado de forma online, elaborado através da ferramenta Google Forms, o questionário foi enviado através do link para as docentes através do WhatsApp.

O contexto da pesquisa bibliográfica tem uma linha diretiva, um levantamento a partir de estudos teóricos já analisados e publicados por outros autores a respeito da temática estudada. O modelo de pesquisa científica enfatiza a importância de tais estudos como ponto central recolher informações e conhecimentos acerca do campo de estudo da pesquisa, buscando estratégias e meios para se encontrar possíveis resultados que dará uma maior concepção sobre os estudos já analisados. Esta pesquisa é um levantamento bibliográfico porque ela foi elaborada através da análise de estudos de autores que fizeram contribuições para que o mesmo fosse possível, analisar obras de grandes autores foi a chave central para que esta pesquisa fosse desenvolvida.

O objetivo da pesquisa foi analisar o contexto da formação das educadoras do CMEI José Gilberto Alves de Carvalho na perspectiva de uma educação inclusiva, tendo em vista que a escola tem uma sala de AEE e atende crianças autistas. A pesquisa poderá contribuir para a autoavaliação das professoras enquanto educadora de crianças autistas, o resultado da mesma será apresentado para as docentes participantes, para que possam refletir através de suas respostas no questionário e assim conseguir perceber aspectos que talvez antes não tinham conhecimento enquanto suas práticas em sala de aula.

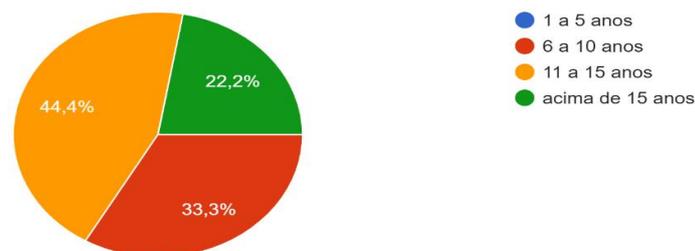
De acordo com Gil (2002, p. 43) a pesquisa bibliográfica conceitua como “Desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” A pesquisa bibliográfica para Vergara (1998, p. 45), “É o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral.”

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa realizada fará parte da apresentação de TCC para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, tendo em vista a importância da formação docente voltada para entendimento do espectro autista: um olhar para dimensão do educador no CMEI José Gilberto Alves de Carvalho. Os estudos desta pesquisa se deram por pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo quantitativa-descritiva com aplicação de questionário aberto para as professoras da instituição objetivando ter uma análise na perspectiva da importância da formação docente com a correlação em suas práticas de aula. O contexto da pesquisa bibliográfica tem uma linha diretiva, um levantamento a partir de estudos teóricos já analisados e publicados por outros autores a respeito da temática estudada. O modelo de pesquisa científica enfatiza a importância de tais estudos como ponto central recolher informações e conhecimentos acerca do campo de estudo da pesquisa, buscando estratégias e meios para se encontrar possíveis resultados que dará uma maior concepção sobre os estudos já analisados.

O objetivo da pesquisa foi analisar o contexto da formação das educadoras do CMEI José Gilberto Alves de Carvalho na perspectiva de uma educação inclusiva.

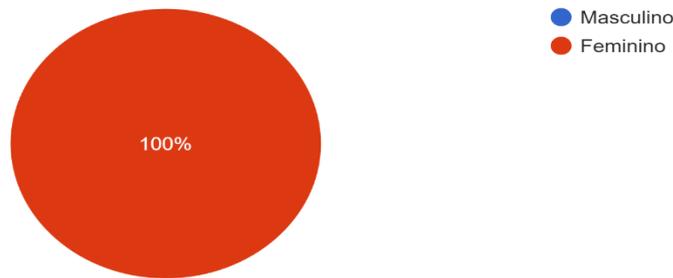
1. A quanto tempo leciona na educação básica?
9 respostas



Percebe-se que a maioria das professoras já adquirem um bom tempo de atuação enquanto educadoras, uma ampla experiência que de fato se faz necessários sobre o contexto dos vários percursos da educação e principalmente a importância da formação docente dessas educadoras.

2. Sexo

9 respostas



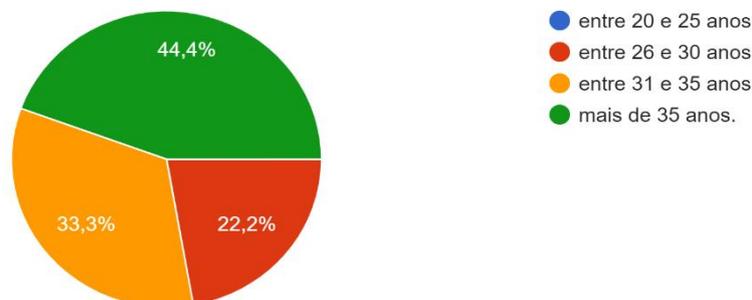
Todo o corpo docente da instituição é do sexo feminino, no entanto, devemos acabar com o preconceito sobre a atuação de professores do sexo masculino na Educação Infantil.

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. (...) os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (SAYÃO, 2005, p. 16).

A construção social do papel da mulher enquanto professora se deu há muito tempo atrás. A ideia de as mulheres possui mais habilidades para cuidar das crianças fez com que houvesse esse distanciamento do papel do homem na profissão ser professor.

3. Idade

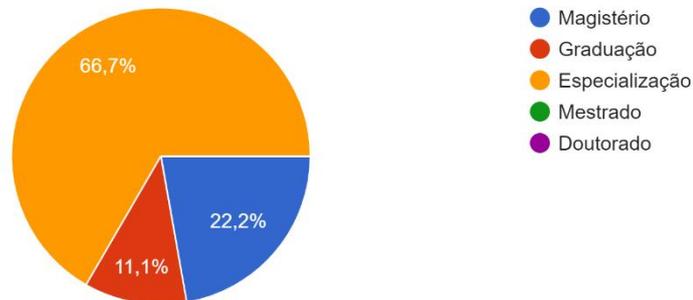
9 respostas



Dentre a perspectiva também baseada no tempo de atuação das professoras e devido ao tempo de carreira a porcentagem de que a maioria tem acima de 35 anos de idade.

4. Em relação a formação docente:

9 respostas



O gráfico apresenta uma grande proporção relacionada a formação no contexto de especialização, porém, mesmo com o título das professoras em afirmarem terem feito especialização sobre o autismo algumas dizem não estarem preparadas para atuarem com crianças autistas, afirmando ser um professor inclusivo em suas práticas pedagógicas. Outras afirmaram não ter nenhum tipo de formação continuada, exercendo somente o magistério, e não se sentem capacitadas para receberem alunos autistas em sua sala de aula, mas afirmam ser professoras inclusivas. E a outra parte afirmam ter somente a graduação.

5. Existe formação docente específica sobre Autismos ofertada pela sua escola? E se sim, quais?

Professores (as)	Todas responderam que não há formação ofertada pela instituição
------------------	---

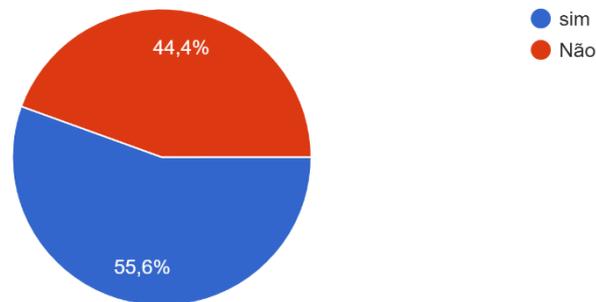
6. Existe formação docente específica sobre Autismos ofertada pela secretaria de educação de Codó? E se sim, quais?

Professores (as)	Todas afirmaram que não há formação ofertada pela secretaria de educação de Codó voltada para trabalhar com crianças autistas
------------------	---

7. A secretaria de educação de Codó oferece algum apoio específico voltados para alunos autistas? Se sim, comente sobre. Algumas professoras responderam que sim, acompanhamento com psicopedagoga, fonoaudióloga e atendimento educacional especializado nas instituições de ensino que atendem crianças com outras deficiências. As outras professoras responderam que não.

8. Você se sente preparado(a) para ter em sua sala de aula alunos autistas?

9 respostas



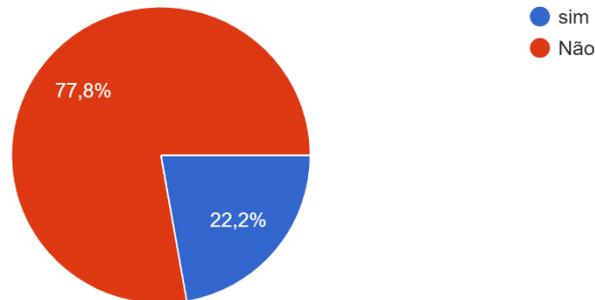
A maioria respondeu que sim, pois acreditam que trabalhar com crianças autistas devem saber reconhecê-lo como diferentes, no entanto, o aluno autista deve ser incluído a partir de suas especificidades, a escola deve estar preparada para recebê-lo e não ele que deve ser adaptar a escola.

9. Na sua escola é disponibilizado materiais pedagógicos voltado para o autismo que auxiliem no contexto da sala de aula? E se sim, quais materiais? Algumas responderam que sim e outras responderam que não. Os materiais utilizados na sala de Atendimento Educacional Especializado foram comprados há pouco tempo com o recurso do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Antes os materiais eram feitos pelas professoras, elas ainda continuam fazendo, mas o recurso que o PDDE disponibilizou a escola conseguiu comprar vários recursos pedagógicos industriais para os alunos.

10. Na sua escola você pode contar com apoio especializado para alunos autistas? E se sim, quais? Todas responderam que sim, a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). E as professoras da sala de AEE, Psicopedagogas.

11. Em sua sala de aula você tem algum aluno autista?

9 respostas



A maioria respondeu que não, devido ao fato de a escola receber alunos autistas de outras instituições do bairro. Os alunos autistas que estão matriculados no CMEI José Gilberto Alves de Carvalho estudam no contraturno da escola que estudam no ensino regular comum.

Diante das informações acima podemos perceber como a formação docentes das professoras podem estar em um nível mais elevado de formação para atuar com crianças autistas, mas o medo ainda se encontra presente na fala das professoras, esse ser “diferente” como é colocado a criança autista faz com que os professores não tenham interesse em se aprofundar sobre o autismo, a necessidade de aceitação, não somente dizer que estar preparada para receber um aluno autista porque sua prática condiz com o processo de inclusão sala de aula, ainda falta muito mais para que as crianças autistas possam ser incluídas e integradas nas salas de ensino regular comum. Nozi (2013, p. 38) menciona que:

A necessidade de uma formação que proporcione aos professores condições de serem protagonistas de suas práticas pedagógicas de maneira crítica, reflexiva e contextual, a ponto de perceberem que os processos que vivenciam em sala de aula são reflexos de um contexto mais amplo, que envolve, dentre tantas outras questões objetivas, ideologias e utopias, direitos e deveres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os resultados coletados nesta pesquisa pode-se perceber que a educação inclusiva é fundamental para o processo de inclusão, pois a mesma visa ofertar meios que possibilitem que a educação seja ofertada de forma igualitária para todos sem distinção de sexo, cor, deficiência ou outros. Diante disto, torna-se nítido de que, a formação dos professores é de extrema importância para o ensino-aprendizagem dos alunos autistas.

Embora a maioria dos docentes não se identifiquem “qualificadas” para atuarem com crianças com autismo ou até mesmo por afirmarem em ter qualificação, mas não se sentirem preparadas para atuarem com crianças autistas, torna nítido perceber a fragilidade de políticas públicas que viabilize um modelo de formação para que essas profissionais possam perder o medo de atuar com crianças “diferentes”. É questionável a falta de políticas públicas que possibilitassem uma formação mais ampla para os professores no modo geral, nem mesmo na graduação temos uma disciplina que abarque as questões de crianças com autismo ou quaisquer outras deficiências de forma ampla, para os ademais saírem capacitados e atuarem sem receio de como terá que lidar com crianças com autismo. A formação e preparação do professor para lidar com crianças com autismo é de extrema importância, pois o professor é o um dos principais responsáveis pela construção dos conhecimentos repassados para os alunos, seja esses pedagógicos, valores sociais.

Compreende-se angústia e receio de muitos docentes ao terem a responsabilidade de educar crianças com autismo, principalmente para aqueles que sentem despreparados durante o seu processo de formação acadêmica para atuarem como educadores(as). A pesquisa me possibilitou conhecer a realidade dos alunos autistas que estão matriculados no CMEI José Gilberto Alves de Carvalho, espera-se que este trabalho possa contribuir para futuros estudos acerca da temática. A pesquisa mostrou o quanto ainda existe uma grande lacuna no que se refere a educação inclusiva e principalmente no processo de formação acadêmica dos professores para atuarem com alunos autistas. A falta de recursos, capacitação e apoio especializado influenciam diretamente no processo do desenvolvimento e preparação desses profissionais para atuarem com crianças com autismo. É visível a busca dos docentes em estarem sempre atualizados em relação as diferenças existente em sala de aula, a busca de estratégias e métodos que permitam a inclusão escolar.

Diante disso, a presente pesquisa poderá contribuir para que as professoras possam compreender a importância da formação e capacitação docente para que consigam conviver com a naturalidade e a pluralidade dos alunos que encontrar se em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BOSA, Cleonice Alves. **Autismo:** atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice (org.). Autismo e educação: atuais desafios. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 22-39.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 05 de outubro de 1988. BRASIL. Disponível em: [Constituição da República Federativa do Brasil \(senado.leg.br\)](http://senado.leg.br). Acesso: 23 ago. 2022.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: [BNCC EI EF 110518 versaofinal site.pdf \(mec.gov.br\)](http://BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf) Acesso em 25 ago.2022.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Versão preliminar, 2007.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília:** MEC/SEESP, 2008.

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão:** Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Ed. Wak. 3ª Ed.: Rio de Janeiro. 2001.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: sobre princípios e métodos, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2022.

DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FREIRE, PAULO. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA:** saberes necessários à prática educativa /43º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FUMEGALLI, R. C. A. **INCLUSÃO ESCOLAR:** o desafio de uma educação para todos? (Monografia), Ijuí -RS, 2012.

GILLBERG, C. **Infantile autism diagnosis and treatment.** Acta Psychiat. Scand., 1990.

Inclusão: Revista da Educação Especial / Secretaria de Educação Especial. v. 6, n. 1 (jan/jun) – Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2011.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbetes teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/teoria-da-experiencia-de-aprendizagem-mediada/>>. Acesso em 19 ago. 2022.

MANTOAN, M. T. E. (Org). **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo, Moderna, 2003.

NOZI, G. S. **Análise dos saberes docentes recomendados pela produção acadêmica para a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013. Disponível em: [2013 - NOZI Gislaine Semcovici.pdf \(uel.br\)](#) Acesso em: 04 set. 2022.

SAYÃO, Thomé Débora. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: Um estudo de professores em creches**. Tese de (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2005. Disponível em: [\(5\) DEBORAH THOMÉ SAYÃO RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE PROFESSORES EM CRECHE Florianópolis | Dênis Ribeiro de Souza - Academia.edu](#). ACESSO: 04 SET. 2022.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA – CAMPUS CODÓ

ESCOLA: CMEI JOSÉ GILBERTO ALVES DE CARVALHO

Codó, 22 de ABRIL de 2022

Assunto: Solicitação de Autorização para Investigação (pesquisa).

Sou estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFMA- Codó. Como parte do meu TCC vou aplicar um questionário que fara parte da pesquisa **A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE VOLTADA PARA O ENTENDIMENTO DO ESPECTRO AUTISTA: um olhar para dimensão do educador no CMEI José Gilberto Alves de Carvalho**, tem como objetivo focar na formação docente voltada o entendimento do espectro autista. A pesquisa, consistirá na aplicação de um questionário e posterior análise dos dados

Espera-se que esta pesquisa possa proporcionar informações para os responsáveis percebendo os possíveis caminhos relacionado ao entendimento do espectro autista no contexto da Escola CMEI JOSE GILBERTO ALVES DE CARVALHO.

Portanto solicito a esta instituição a autorização para realização da pesquisa junto aos professores do ensino fundamental dos anos iniciais

Rita de Cassia Jacó Mota

Atenciosamente.

José Benedito da Silva
Professor
Matrícula: 44036

Coordenador(a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 - São Luís - Maranhão.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada(o) participante

Gostaríamos de desenvolver um estudo para delineamento da monografia intitulada com o tema: **A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE VOLTADA PARA O ENTENDIMENTO DO ESPECTRO AUTISTA: um olhar para dimensão do educador no CMEI José Gilberto Alves de Carvalho**

tem como objetivo focar na formação docente voltada o entendimento do espectro autista. A pesquisa, consistirá na aplicação de um questionário e posterior análise dos dados.

Trata-se de Monografia, desenvolvida por Rita de Cassia Jacó Mota, orientada pelo Prof.º Aziel Arruda, do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) campus Codó.

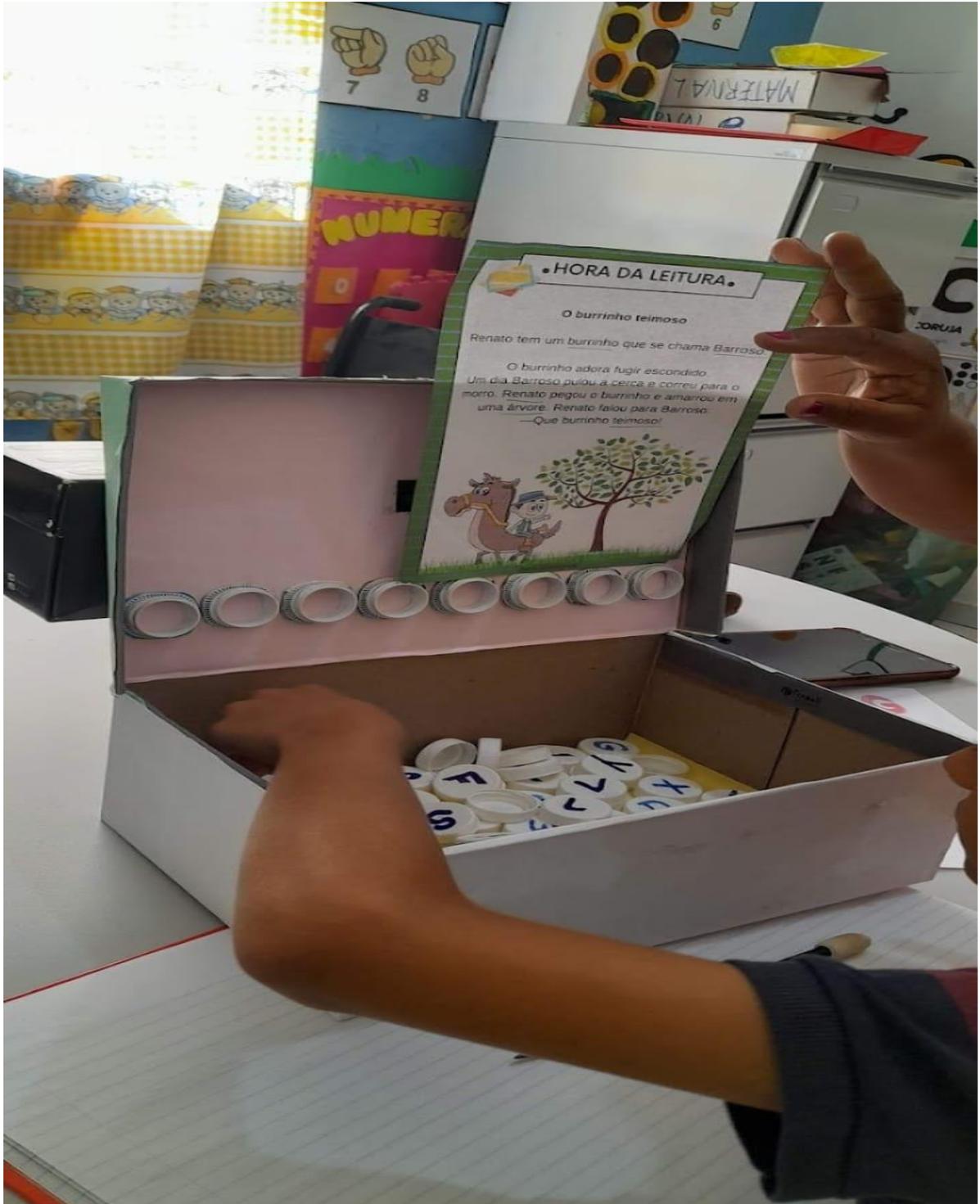
A qualquer momento da realização deste estudo qualquer participante/pesquisador ou o estabelecimento envolvido poderá receber os esclarecimentos adicionais que julgar necessários. Qualquer participante selecionado ou selecionada poderá recusar-se a participar ou retirar-se da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo aos mesmos. O sigilo das informações será preservado através de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados. Especificamente, nenhum nome, identificação de pessoas ou de locais interessa a esse estudo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins unicamente acadêmico-científicos e apresentados na forma de monografia, não sendo utilizados para qualquer fim comercial.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" no local indicado abaixo. Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização à instituição dos resultados obtidos nesta pesquisa, tornando-os acessíveis a todos os participantes.

Rita de cassia Jacó Mota

Pesquisador(a)

Campus de Codó - Prédio II - COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA
Avenida Dr. José Anselmo, 2.008 - Codó - MA - CEP: 65400-000
Fone: (98) 3272-9772





Questionário para TCC sobre: A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE VOLTADA PARA O ENTENDIMENTO DO ESPECTRO AUTISTA: um olhar para dimensão do educador no CMEI José Gilberto Alves de Carvalho



1. A quanto tempo leciona na educação básica? *

- 1 a 5 anos
- 6 a 10 anos
- 11 a 15 anos
- acima de 15 anos

2. Sexo *

- Masculino
- Feminino

3. Idade *

- entre 20 e 25 anos
- entre 26 e 30 anos
- entre 31 e 35 anos
- mais de 35 anos.

4. Em relação a formação docente: *

- Magistério
- Graduação
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado